

EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS METAFÓRICAS NO GÊNERO ENTREVISTA: UM RECURSO DISCURSIVO

Josilane Márcia Justiniano de Lima (UFPB)
josilanemjl@hotmail.com

Lucienne Claudete Espíndola (UFPB)
lucienne_@hotmail.com

Introdução

Vinculado ao projeto Metáforas, Gêneros Discursivos e Argumentação (MGDA)¹, este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa realizada na condição de bolsista do PIBIC, nos anos 2005 e 2006. Nosso objetivo com este estudo foi analisar o funcionamento discursivo-argumentativo das metáforas conceituais orientacionais subjacentes às expressões linguísticas presentes em 60 entrevistas sociolinguísticas, integrantes do Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB. Naquele momento, nossa preocupação era fazer o levantamento das expressões linguísticas metafóricas e suas respectivas metáforas conceituais, como apresentamos em Lima e Espíndola (2006). Neste artigo, discutimos o funcionamento discursivo dessas expressões, partindo da hipótese de que elas são recursos recorrentes no gênero citado e que ativam a polifonia de enunciadores.

Nossa pesquisa foi desenvolvida na perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual, postulada por Lakoff e Johnson (2002 [1980]; 2003), os quais afirmam que a metáfora e a metonímia são fundamentais na compreensão de diversos conceitos do cotidiano, por isso as utilizamos para melhor compreender e raciocinar sobre esses conceitos. Para a investigação dos efeitos discursivos decorrentes da presença de expressões linguísticas metafóricas nas entrevistas supracitadas, buscamos subsídio na Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida por Ducrot (1988) e colaboradores, como Koch (2004), Espíndola (2004, 2005, 2006), dentre outros que estudam os diferentes recursos de argumentação que a língua nos oferece, posto que esta teoria parte da perspectiva segundo a qual a língua é por natureza argumentativa e leva em consideração que os elementos marcados linguisticamente podem apontar para o direcionamento argumentativo pretendido ou não pelo locutor do texto.

Inicialmente, fizemos o levantamento das expressões linguísticas metafóricas existentes nas entrevistas e listamos as metáforas orientacionais que subjazem a essas expressões, traçamos os mapeamentos metafóricos envolvidos na construção dos conceitos a partir de dois domínios distintos – o domínio fonte e o domínio alvo. Em seguida, analisamos, à luz da Teoria da Polifonia, mostrando como se dá o efeito discursivo no respectivo gênero.

1. Desenvolvido no LASPRAT (Laboratório Semântico-pragmático de textos), na UFPB e coordenado pela professora Doutora Lucienne Espíndola.

1. Pressupostos teóricos

1.1 A Metáfora na visão da Linguística Cognitiva

Surgida no final da década de 70, a Linguística Cognitiva (LC) é uma área da linguística que estuda o conhecimento processado através da linguagem. Segundo essa abordagem, o conhecimento se dá através de nossas experiências com o mundo. Isso significa que não há uma relação direta entre as palavras e o mundo, mas são os usos que fazemos das palavras no dia a dia que orientam o significado do que pronunciamos.

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), o conhecimento da linguagem se estabelece a partir de nossas experiências como seres humanos, principalmente de nossa base corporal. Sendo assim, nosso corpo é responsável pela estruturação de vários conceitos, como ocorre com as orientações, por exemplo, PARA-CIMA/ PARA-BAIXO, DENTRO/FORA etc.

Diferentemente dos clássicos, que viam a metáfora somente como uma questão de linguagem, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) chegaram à conclusão de que a metáfora é uma questão primeiramente de cognição, responsável por estruturar os mais diversos conceitos. Ela se manifesta através de expressões linguísticas que são usadas no dia a dia, tais como “*O natal está chegando*”, “*Estou me sentindo para baixo*”. Dessa forma, ganha uma importância fundamental, uma vez que passa a estar presente até na linguagem científica.

Os referidos autores afirmam que a função da metáfora é “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (Lakoff e Johnson, 2002 [1980] p.19). Para explicar o porquê de a metáfora ser considerada conceptual, eles recorrem à nossa conceptualização de amor como viagem, que está presente na seguinte metáfora conceptual: AMOR É UMA VIAGEM e que se reflete em expressões linguísticas, tais como: “*Veja a que ponto nós chegamos*”; “*Agora não podemos voltar atrás*”; “*Nós estamos numa encruzilhada*”; “*Nossa relação não vai chegar a lugar nenhum*”.

Com base nessa metáfora, Lakoff explica a metáfora conceptual da seguinte forma:

A metáfora envolve a compreensão de um domínio da experiência, o amor, em termos de um domínio muito diferente da experiência, as viagens. A metáfora pode ser entendida como um mapeamento, (no sentido matemático) de um domínio de origem (neste caso, as viagens) a um domínio alvo (neste caso, o amor). O mapeamento é estruturado sistematicamente. Há correspondências ontológicas, de acordo com as quais as entidades no domínio amor (por exemplo, os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, a relação amorosa etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma viagem (os viajantes, o veículo, os destinos etc.).

(.....)

O que constitui a metáfora tema amor-como-viagem não é nenhuma palavra ou expressão particular. É o mapeamento ontológico e epistêmico entre domínios conceptuais, do domínio fonte das viagens ao domínio do amor. A metáfora não é uma questão apenas de linguagem, mas de pensamento e razão. A linguagem é o reflexo do mapeamento. O mapeamento é convencional, um dos nossos modos convencionais de entender o amor.

(LAKOFF e JOHNSON, 1980; tradução de 2002, p. 24-25)

Isto é, nós experienciamos e conceituamos o amor como se fosse uma viagem, embora não seja algo do qual normalmente temos consciência. Sendo assim, as expressões linguísticas acima mencionadas não são simples formas de dizer, mas formas de pensar e agir, uma vez que estão infiltradas na nossa maneira de refletir sobre o amor.

Vale salientar que, ao fazer o mapeamento entre os dois domínios conceptuais (*o domínio origem* e *o domínio alvo*), não trazemos todos os aspectos do *domínio origem* para o *domínio alvo*, senão uma coisa seria a outra, ou seja, amor realmente seria viagem e não existiria, portanto, metáfora. O que ocorre é que pegamos apenas alguns aspectos que são relevantes do campo da viagem para entendermos o conceito de amor. Por isso, podemos dizer que a transformação de um conceito em outro é apenas parcial e não total, já que há aspectos do *domínio origem* que não são utilizados para explicar o *domínio alvo*.

Lakoff e Johnson classificam as metáforas conceptuais em três categorias: **estruturais, orientacionais e ontológicas**.

As metáforas **estruturais** são aquelas que estruturam um conceito em termos de outro e são responsáveis pela estruturação de nosso sistema conceptual. O exemplo citado pelos autores para explicar essa metáfora é DISCUSSÃO É GUERRA, uma vez que ela estrutura as ações que realizamos numa discussão, a partir dos elementos que são utilizados numa guerra, e pode ser vista em expressões do tipo: “Seus argumentos são *indefensáveis*”, “Suas críticas foram direto ao *alvo*”, “*Destruí* sua argumentação”, dentre outras.

As **ontológicas** são aquelas que transformam conceitos abstratos em entidades – coisas ou seres (animais ou humanos), e podem ser vistas no exemplo: INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, no qual o substantivo *inflação* é tido como inimigo, por se referir ao aumento de preços. Essa metáfora está presente em expressões como: “*A inflação está abaixando* nosso padrão de vida”, “Precisamos *combater a inflação*”, “*A inflação me deixa doente*” etc.

Já as **orientacionais** – que serão analisadas neste trabalho – são aquelas que, em vez de estruturarem um conceito em termos de outro, como acontece nas outras (estruturais e ontológicas), organizam todo um sistema de conceitos em relação a um outro e, além de serem baseadas em nossas experiências cultural e física, estão vinculadas à orientação espacial do tipo: para cima/para baixo, dentro/fora, frente/trás, em cima de/fora de, fundo/raço, central/periférico. Daí serem também conhecidas como metáforas de espacialização. Os autores acima mencionados exemplificam essa metáfora com os conceitos FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO, que podem ser identificados nas seguintes expressões linguísticas: “Estou me sentindo *para cima* hoje”; “Aquilo *levantou* meu moral”; “Meu astral *subiu*”; “Você está de *alto astral*”; “Pensar nela sempre me *levanta* o ânimo”; “estou me sentindo *para baixo*”; “Estou *deprimido*”; “Ele está mesmo *para baixo* estes dias”; “Eu *caí* em depressão”; “Meu ânimo *afundou*/Estou *no fundo* do poço”.

Essas metáforas, de acordo com os autores, não são usadas ao acaso, mas possuem uma base física correspondente. A base física dessas metáforas conceptuais orientacionais diz respeito a nossa postura que se apresenta caída quando estamos tristes e depressivos, e ereta quando estamos num estado emocional positivo, daí a nossa conceituação: para cima/para baixo.

É importante ressaltar que, mesmo tendo uma base física em sua natureza, as metáforas orientacionais podem variar de uma cultura para outra, ou seja, a maneira como são concebidas essas metáforas por uma cultura pode ser o inverso da forma como é concebida a mesma metáfora, por outra. Como exemplo dessa variação, Lakoff e

Johnson citam o futuro, que, em algumas culturas, está diante de nós, enquanto, em outras, está atrás.

1.2 Teoria da Argumentação

Nossa pesquisa foi alicerçada na perspectiva da Teoria da Argumentação, cujos representantes são Anscombre-Ducrot (1983) e colaboradores. Esses linguistas postulam que a língua é essencialmente argumentativa, pois há, na significação de algumas palavras, valores que são fundamentalmente argumentativos. Essas palavras são as que possuem conteúdo lexical e estão agrupadas em duas categorias: os predicados (nomes e verbos) e os modificadores (adjetivos e advérbios), que também são chamados operadores argumentativos.

Para os autores acima mencionados, há, nas palavras, uma semântica de natureza argumentativa e se existe algum valor informativo, este é derivado daquela.

De acordo com Koch (2001), podemos afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo, porque, quando interagimos através da linguagem, pretendemos orientar os nossos enunciados no sentido de certas conclusões (com exclusão de outras). Ou seja, pretendemos *atuar* sobre o(s) outro(s) de determinada maneira e obter dele(s) determinadas reações.

Vale salientar que, apesar de o teórico Ducrot postular que a língua é essencialmente argumentativa, Espíndola (2004, p. 13) faz um adendo a essa tese: o uso da língua também é argumentativo.

A Teoria da Argumentação leva em consideração as possíveis intenções, conscientes ou não, dos interlocutores no momento da enunciação que se realizam através de *marcas linguísticas da enunciação* ou *da argumentação*. Em alguns casos, esses mecanismos são denominados *modalizadores*, por terem a função de determinar a forma de como o que é dito deve ser lido. Koch (op. cit.) enumera algumas dessas marcas, a saber: Operadores argumentativos, Marcadores de pressuposição, Indicadores modais ou Índices de modalidade, Indicadores atitudinais, Índices de avaliação e de domínio e Tempos verbais.

1.3 Teoria da Polifonia

O termo polifonia tem origem no universo musical e servia para designar um tipo de composição em que se superpunham várias vozes. Mas o teórico Bakhtin, ao analisar o romance de Dostoiévski, valeu-se desse termo metaforicamente.

Posteriormente, Ducrot retoma essa noção de polifonia, para questionar a unicidade do sujeito mantida até então. Ele aprofunda os estudos acerca dessa teoria, aplicando o termo polifonia aos enunciados que compõem os textos, já que essa noção só era aplicada ao texto como um todo, e não aos enunciados que o compõem. Entenda-se enunciado como “ocorrência *hic et nunc* de uma frase” Ducrot (*apud*. ESPÍNDOLA, 2005, p.69). O objetivo de Ducrot é provar que não há unicidade no enunciado, uma vez que o interlocutor utiliza-se de diversas vozes e pontos de vista, na hora de construir o seu discurso.

O referido autor sugere que o enunciado é a descrição da enunciação, podendo esta ser atribuída a um ou a vários sujeitos. Dessa forma, diferencia entre esses sujeitos dois tipos de personagens: os enunciadorees e os locutores. Os *enunciadores* são os pontos de vista que o locutor apresenta em seu discurso; os *locutores* são aqueles que se apresentam como responsáveis pelo discurso. Há, ainda, *o sujeito empírico*, que é definido como sendo o autor efetivo do texto. Contudo, este último não interessa ao

linguista, já que sua tarefa é analisar o que está no enunciado, não as condições em que foi produzido.

Ducrot diferencia, no discurso, dois tipos de polifonia: a de locutores e a de enunciadorees. **A Polifonia de locutores** ocorre nos enunciados em que se percebe mais de um responsável pelo discurso, a quem são atribuídas as marcas de 1ª pessoa. É o que acontece com o discurso relatado em estilo direto ou indireto, nos diálogos internos e nos monólogos, por exemplo.

Vejamos a frase a seguir:

A) O rapaz me falou: Eu lavarei o restante somente amanhã.

Como podemos perceber, há, nesse enunciado, duas marcas de 1ª pessoa relacionadas a locutores diferentes (o *me* se refere a um locutor e o *eu* a outro).

Já a **Polifonia de enunciadorees** é percebida quando, num enunciado, podemos identificar mais de um ponto de vista. Dessa forma “o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadorees de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes”, podendo ou não assimilar-se a eles. (DUCROT, 1987 *apud*. ESPÍNDOLA, 2004, p.73). Podemos citar três recursos que caracterizam a polifonia de enunciadorees: a negação, a pressuposição e o humor.

O *discurso negativo*, assim como a pressuposição, é visto como um dos exemplos de assimilação do locutor a um dos pontos de vista oferecidos. Vejamos:

B) Maria não é feia

Nesse exemplo, o locutor põe em cena dois pontos de vista distintos: o primeiro é a declaração que alguém – E1 (enunciador um) – fez de que Maria é feia, a qual é refutada por L (locutor); e o segundo – E2, com o qual o locutor concorda, – é a declaração de que ela não é feia.

Além desses, há outros que, em certos casos, são considerados polifônicos, como é o caso da *locução adverbial pelo contrário*, *os pronomes anafóricos*, *o uso de aspas e o discurso indireto livre*.

1.4 Gênero textual: entrevista

De acordo com Marcushi (2000, p. 97), para a identificação de um gênero, o critério básico liga-se a variações vinculadas aos falantes ou produtores dos textos (intenção, objetivo, situação etc) e às condições de produção e processos de enunciação, ao passo que para a noção de tipo sempre se têm em conta critérios voltados para aspectos linguísticos. Para ele, os gêneros textuais comunicativos aportam na sociedade e nos costumes, podendo variar de uma cultura para outra.

O referido autor afirma que a entrevista “... não é apenas um tipo de discurso, mas um mecanismo de controle de um indivíduo sobre o outro, o que pode ser considerado um poder institucionalmente derivado, ou seja, intrínseco ao tipo de evento.” (MARCUSCHI, 1988, *apud*. ESPÍNDOLA, 2004, p. 84)

Espíndola (2004) aborda a entrevista na perspectiva da Análise da Conversação. Para esta, existem dois tipos de interação: as casuais (ou simétricas) e as institucionalizadas (ou assimétricas). Uma interação é considerada simétrica ou assimétrica conforme o poder que possua cada um dos participantes. Ou seja, se um deles conduz a interação, ela será assimétrica – o que ocorre nas entrevistas em geral,

nos inquiridos, na interação professor-aluno, em consultas médicas, dentre outras; se todos os participantes têm os “mesmos direitos” de comandar a interação, como escolher o tema ou mesmo o tempo reservado a cada fala, ela será simétrica. Podemos inserir neste grupo as conversas naturais do dia a dia.

Mas, segundo Marcuschi (*apud* ESPÍNDOLA, 2004), as desigualdades podem existir tanto nas interações assimétricas como nas simétricas. O mesmo afirma que a entrevista:

[...] não é apenas um tipo de discurso, mas um mecanismo de controle de um indivíduo sobre o outro, o que pode ser considerado um poder institucionalmente derivado, ou seja, intrínseco ao tipo de evento. (op. cit. p. 84)

A partir de então, ele determina a entrevista como uma interação assimétrica, já que ao entrevistador é dada a responsabilidade de comandar a interação, determinando até mesmo o tema e, às vezes, impondo (o que acontece nas entrevistas objeto de análise deste trabalho).

Vale salientar que, apesar de existir a classificação da interação em simétrica e assimétrica, é difícil precisá-la em uma dessas categorias, visto que uma interação inicialmente assimétrica pode apresentar traços de simetria – como numa interação pai/filho, por exemplo.

Ao assumir essa posição, o autor prefere, portanto, tratar as interações de forma relativa. (op.cit. p. 87). O referido autor estabelece uma classificação nova que dá conta das interações verbais, pois abrange tanto as categorias simetria-assimetria como cooperação-competição. Vejamos a classificação:

- A) *Simétrica e cooperativa*: quando há os mesmos direitos entre os participantes da interação. Ex.: conversas espontâneas entre amigos.
- B) *Simétrica e competitiva*: nesse tipo de interação, mesmo havendo igualdade, o que se sobrepõem são a confrontação e o conflito. Ex.: Discussão entre ‘não amigos’.
- C) *Assimétrica e cooperativa*: mesmo existindo diferenças de status, competência ou responsabilidade, o que se observa são a colaboração e a cooperação. São as interações institucionalizadas em que um participante complementa o papel do outro, bem como as responsabilidades.
- D) *Assimétrica e competitiva*: nesse caso, há, evidente, o propósito de controlar a interação por parte de um dos participantes, que impõe, dessa forma, o poder.

O que podemos observar, com essa classificação, é que são as relações de poder que estabelecem efeitos de sentido às interações. Em outras palavras, as relações de simetria e assimetria estão presentes em todo tipo de discurso, até nos mais informais, o que faz a diferença é o poder que cada participante detém.

A partir do exposto, percebe-se que a entrevista é um gênero que se padroniza de acordo com a situação, não possuindo, portanto, um conceito unívoco, visto que, para cada tipo de relação (simétrica ou assimétrica), é preciso uma classificação distinta.

Ao analisar as entrevistas alvo deste trabalho, podemos perceber, de acordo com Espíndola (op. cit), que foi o entrevistador que organizou e controlou os tópicos e a estrutura das interações que constituíram as entrevistas entre os participantes. Mesmo havendo planejamento, a situação contextual é informal, até a do entrevistador. Quanto à reciprocidade dos entrevistados, observamos que se limitam a responder às perguntas

propostas pelo entrevistador, uma vez que a este é dado o papel de entrevistar, e, em momento algum, houve a inversão de papéis.

2. Corpus

O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi constituído de sessenta (60) entrevistas sociolinguísticas, integrantes do Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB – e estão dispostas em cinco volumes.

É válido ressaltar que foram conservadas as particularidades das entrevistas, já que lidamos com textos orais, isto é, transcrevemos da mesma maneira como se encontram tais entrevistas nos livros. Também recortamos apenas as respostas (e às vezes perguntas) nas quais apareceram as expressões linguísticas referentes a metáforas conceptuais subjacentes.

Para uma melhor identificação, as Metáforas Conceptuais são apresentadas em caixa alta, seguindo o exemplo de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), além de estarem em **negrito** e numeradas, a fim de que não se confundam com as expressões linguísticas que as atualizam. Já as ocorrências retiradas do Projeto VALPB apresentam-se em *itálico*, sendo destacadas em **negrito** as expressões que atualizam as metáforas, e indicam, na ordem, “volume do livro”, “nome do informante”, “sexo”, “página” e “linha”.

Saliente-se, ainda, que o número de expressões linguísticas metafóricas levantadas no *corpus* foi bem maior, mas fazemos aqui um recorte, tendo em vista o espaço disponível.

(1) POSITIVO É PARA DENTRO/NEGATIVO É PARA FORA

*:: <Então eu sonho> em faze0 o supletivo. Que aqui o pessoal tá já o pessoal tá insistindo já, **vô vô entra0 nessa**. E: :: melhora0 o me melhora0 {inint} o ensino, né ? (I.AFD.M.16. 29-1)*

*Como as minha colega mesmo quando eu estou no colégio, que ela chega perto de mim e cada uma começa a se pintar, botar batom, **eu fico por fora, com desejo de fazer também mas num posso**. (III.GSF.F.115.6-9)*

(2) INFORMADO É PARA DENTRO/DESINFORMADO É PARA FORA

*Eu leio a parte financeira, porque como eu faço contabilidade, **eu tenho sempre que está por dentro da economia brasileira**. (V.MV.M.17.30-1)*

*Por quê há muito jovem hoje em dia {inint} que **não sabem das coisas, tão por fora de tudo** (I.JM.M.67.4-5)*

(3) POSITIVO É PARA FRENTE/NEGATIVO É PARA TRÁS

*Vim morar aqui, aí montei minha oficina, certo? **intão foi como ajudô mais a-a levar adiante a minha família**.(II.NPL.M.48.30-1)*

*Ah, a colônia de pescador que é outra coisa, colônia agora possa ser, **possa ser que se o presidente e os membro0 da colônia num num der pra trás sei que agora vai avante, se levar direitinho, se não levar vai cair de novo**.(I.ACS.M.74.7-9)*

(4) FUTURO É PARA FRENTE/PASSADO É PARA TRÁS

Ela disse: “Mais, mulher, tu é uma pessoa muito nova. Tu num tem que:: ter essa criança agora, tu tem muito tempo pela frente.”(II.EFS.F.122.28-9)

Agora não, porque agora quem quem tá no poder são os jovens de vinte, vinte e cinco, trinta anos atrás. Quando for a juventude que a vinte e cinco, trinta e cinco trinta e cinco anos à frente...(IV.HBC.M.47.36-8)

Assim ela a vida fala que eu nem sei explicar, ela fala da vida dela, né? que já sofreu muito, e agora quer subir, quer deixar pra trás o que ela já passou. (IV.AHS.F.117.37-8)

(5) POSITIVO É PARA CIMA/NEGATIVO É PARA BAIXO

E Como você vê o estudo de hoje?*

I Tá realmente cada vez mais caindo. Tá precário mesmo o estudo. (V.ALA.M.50.36-7)*

a gente mininoti. Dozi anus, trezi anus, cumeçô a pensar im- bem altu, né? sonhar . (II.NPL.M.55.9 e 10)

(6) SAÚDE É PARA CIMA/DOENÇA É PARA BAIXO

Ah, é as costa, <a coisa> uma coisa passei passei dois ano0 arriado de cama.Tá vendo, ó. (est) Passei dois ano0 arriado de cama cum a dor :: (I.ACS.M.73.1-2)

I Ah, pelo menos a doença que eu tive agora.(..) Tô dizendo que eu fiquei numa disposição que eu eu disse: Dessa eu num me levanto mais nunca. Fiquei da grossura desse pente (pausa). “Dessa eu num me levanto mais nunca”. (I.ACS.M.76.14-8)*

(7) STATUS SUPERIOR É PARA CIMA/STATUS INFERIOR É PARA BAIXO

Então, se a gente faz com que ele suba na vida, então eles tem toda obrigação de dar atenção a gente. (II TCS.F.174.18-9)

E Você assumiria uma profissão só pelo dinheiro?*

I (...)Eu acho que isso aí não é a saída correta porque futuramente você vai cai, né? (V.RVA.M.44.16-8)*

Eu num tenho essa coisa comigo não, porque eu sou o chefe, chefe de seção, tudinho, que eu vou, é, os serventes, porque, ele é servente que eu vou, num vou rebaixar ele não, eu sou igual a eles. (III.LGP.M.38.23-5)

(8) TER CONTROLE OU FORÇA É PARA CIMA/ESTAR SUJEITO A CONTROLE OU FORÇA É PARA BAIXO

Então para eles é lucro saber que tem pessoas que não sabem ler porque é fácil enganar, é fácil conseguir um voto dessas pessoas, é fácil eles tarem por cima.(V.MV.M.18.25-7)

Eu num tenho essa coisa comigo não, porque eu sou o chefe, chefe de seção, tudinho, que eu vou, é, os serventes, porque, ele é servente que eu vou, num vou rebaixar ele não, eu sou igual a eles. (III.LGP.M.38.23-5)

(9) MAIS É PARA CIMA/MENOS É PARA BAIXO

É como eu já disse (hes.) a fome pode acabar:: tem tem que arrumar, tem que aparecer muito emprego pras pessoas, né? (Hes.) trabalho pras pessoas trabalhar, a inflação abaixar mais:: (I.IMS.F.138.5-7)

Porque hoje em dia com as coisas tá muito cara, a inflação ta lá em cima.
(II.JPS.F.146.31-2)

(10) FELIZ É PARA CIMA / TRISTE É PARA BAIXO

Eu gosto de livros que :: que me deixem sentir viva, que me coloque de astral lá em cima.(IV.SCP.F.135.35).

A política do atual Presidente da República tem altos e baixos, e muito! E como tem! (III.ERG.M.8516-7)

(11) CONHECIDO É PARA O FUNDO

Vejo que existe crianças de menor pra umas coisas e de maior pra outras coisas, então num vou me aprofundar nisso. (II.NRN.M.77.22-3)

*Eu gostaria- ê eu tenho sede de saber. * Eu eu gostaria assim, de saber muito.
* Eu- olhe, quando eu eu entro assim num assunto, eu me aprofundo, mas me aprofundo mesmo, sabe.* (II.TCS.F.161.35-7)

3. Análise

Analisando o *corpus* à luz das teorias utilizadas, podemos comprovar, de acordo com a Teoria da Metáfora Cognitiva, que as metáforas conceituais orientacionais estão presentes em grande quantidade no gênero em estudo e que fazem parte do nosso dia a dia. Através das expressões “... vô **entra0** nessa” e “... eu fico **por fora**”, por exemplo, percebemos a atualização da metáfora conceptual (1) “POSITIVO É PARA DENTRO/NEGATIVO É PARA FORA”. Ou seja, os conceitos espaciais DENTRO/FORA são utilizados para conceptualizar, respectivamente, algo que é bom e algo ruim. Da mesma forma, vimos em: “**está por dentro** da economia brasileira” e “**tão por fora** de tudo”, que atualizam a metáfora (2) “INFORMADO É PARA DENTRO/DESINFORMADO É PARA FORA”.

Já as expressões “... ajudô mais a- a levar **adiante** a minha família” e “... se o presidente e os membro0 da colônia num num der **pra trás** sei que agora vai **avante**”, às quais subjaz a metáfora (3) “POSITIVO É PARA FRENTE/NEGATIVO É PARA TRÁS”, indicam que desta vez são as posições PARA FRENTE/PARA TRÁS que mapeiam o conceito de bom e ruim. Mapeamento semelhante se observa na conceptualização dos conceitos de futuro e passado, na metáfora (4), que são entendidos, também pelo domínio origem FRENTE e TRÁS, respectivamente.

As posições PARA CIMA/PARA BAIXO, por sua vez, predominaram na conceptualização dos conceitos, como podemos observar nas metáforas de (5) a (10). Essas posições mapeiam o que é positivo e negativo, saúde e doença, status superior e inferior, ter controle ou estar sob controle, mais e menos, felicidade e tristeza.

Por último, na metáfora (11), temos o conceito PARA O FUNDO, atualizado pela expressão “... então num vou me **aprofundar** nisso”. Dessa forma, ter conhecimento sobre um assunto é se “aprofundar”.

A partir da Teoria da Polifonia, podemos apreender que há mais de uma voz presente na estruturação das metáforas, pois, para compreendermos as metáforas subjacentes às expressões linguísticas, mesmo que inconscientemente, precisamos recuperar o conceito que deu origem à metáfora em questão, ou seja, ao domínio origem. Isso nos permite dizer que as expressões linguísticas licenciadas pelas

metáforas são um recurso ativador de polifonia, uma vez que remete para outro texto (*o domínio origem*). Em todas as ocorrências de metáfora conceptual citadas acima, podemos identificar, primeiramente, a presença de E2 – a metáfora que salta aos olhos, através da localização espacial: PARA DENTRO/PARA FORA, PARA FRENTE PARA TRÁS, PARA CIMA/PARA BAIXO e PARA O FUNDO. Em seguida, já que não encontramos uma interpretação literal para essas expressões, evocamos E1, isto é, o conceito denotativo dessas expressões. Em seguida, fazemos o mapeamento metafórico, utilizando parte desses conceitos que são do domínio fonte – geralmente mais concretos –, para podermos entender os conceitos do domínio alvo – que são mais abstratos.

Em consequência, essas metáforas possuem função argumentativa, uma vez que, através da polifonia, são trazidos para o discurso outros pontos de vista que dão subsídio para a construção de diversos conceitos e, assim, para que haja um maior entendimento por parte do interlocutor acerca do que está sendo pronunciado.

Considerações finais

A partir do exposto, podemos ratificar que a metáfora realmente está presente na linguagem do dia a dia, como afirmam Lakoff e Johnson (op. cit), visto que utilizamos um *corpus* que contém falas do cotidiano e nelas estão presentes várias metáforas, algumas postuladas por esses autores e outras por nós levantadas.

Evidenciamos também que as expressões linguísticas metafóricas, que atualizam as metáforas de espacialização supracitadas, podem ser caracterizadas como um recurso polifônico, já que atualizam, pelo menos, dois pontos de vista distintos, ratificando, dessa forma, nossa hipótese. Portanto, assim como a negação, a pressuposição e o humor, elas configuram-se como um elemento discursivo e podem ser elencadas no rol dos recursos ativadores de polifonia de enunciadores.

Nosso estudo demonstrou que, nas entrevistas analisadas, as posições mais utilizadas para a conceptualização dos conceitos foram PARA CIMA/PARA BAIXO, comprovando como essas orientações são fundamentais para a compreensão da linguagem em nosso cotidiano.

Por isso, mais do que uma questão de ornamento linguístico, as expressões linguísticas metafóricas funcionam, no gênero em estudo, como um recurso importantíssimo, uma vez que estruturam cognitivamente nossos conceitos em termos de orientações espaciais e corporais.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. “Os gêneros do discurso”. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1979].

CANOLLA, C. “As Metáforas da Produção: reflexões sobre o discurso das operárias”. *D.E.L.T.A.*, Vol. 16, N.1, p. 55-82, 2000.

DIONISIO, A. As Definições Metafóricas na Oralidade. *Intercâmbio*, vol. VI, 1977.

DUCROT, Oswald. *Polifonia y argumentación: Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis Del Discurso*. Cali, Universidad Del Valle, 1988.

ESPÍNDOLA, Lucienne C. *A Entrevista: um olhar argumentativo*. João Pessoa: EDUEPB, 2004.

_____. “A Metáfora Conceptual Ontológica na Publicidade”. *Revista do Gelne*. João Pessoa, v. 7, n. 1/2, p. 19 – 28, 2005.

_____; SILVA, Joseli M^a da. (orgs.) *Argumentação na Língua, da pressuposição aos topoi*. João Pessoa: EDUEPB, 2005.

_____; LIMA, Josilane Márcia J. de. “As metáforas conceituais orientacionais na entrevista”. In: *XXI Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste*. João Pessoa, 2006 (no prelo).

GALEANO, E. *O Caderno Vencer e a Metáfora da Guerra: Um estudo da linguagem esportiva do jornal Agora* (mimeo).

HORA, D. da.; PEDROSA, J. L. R. *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba*. João Pessoa. Ideia, v. 1 ao 5, 2001

KOCH, Ingedore V. (2001) *A interação pela linguagem*. 7^a ed. São Paulo: Contexto.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M. *Metáforas da Vida Cotidiana*. (coordenação da Tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas / SP: Mercados de Letras, 2002 [1980].

_____. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2003.

LOIOLA, Rubens Lacerda. *Metáfora conceitual na construção dos sentidos de textos poéticos*. (Dissertação de Mestrado), Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005.

LOPES, Márcia dos Santos. *Metáforas Sobre a Mulher: uma visão Linguística e Conceptual*. (Dissertação de Mestrado), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

MARCUSHI; CHAVIER, Luiz Antônio; Antônio Carlos. *Gêneros Textuais: o que são e como se classificam?* Universidade Federal de Pernambuco – Recife (mimeo), 2000.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira. *Jogando com as vozes do outro: a polifonia – recurso modalizador – na Notícia Jornalística*. João Pessoa, 183 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, 2005.

ORTONY, A. (org.) *Metaphor and Thought*. Nova York, Cambridge University Press, 2^a Ed, 1993.

SILVA. Augusto Soares. “A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística”. *Revista Portuguesa Humanidades* 1, 59-101, 2005.